

# O HERALDO

Director, proprietario e administrador  
**JOSÉ MARIA DOS SANTOS**  
 RUA NOVA PEQUENA, 1 E 3

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Redacção, administração, composição e impressão  
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA  
 RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

## A TRAGEDIA DE 1 DE FEVEREIRO

Sabbado da semana passada, á hora em que ultimávamos o nosso jornal, passava-se em Lisboa uma das maiores tragedias que hão de assinalar-se na historia portugueza. O rei D. Carlos I e o principe D. Luiz Filipe, que com a rainha D. Amelia e alguns convidados regressavam d'uma caçada em Vila Viçosa, foram mortos a tiros de revolvers e de clavina quando em *landeau* da casa real passavam pelo Terreiro do Paço a caminho do Paço das Necessidades.

As circumstancias de que se revestiu esse tragico attentado, a serie de sensacionaes acontecimentos que se lhe seguiram e ainda o violentissimo regimen de terror que levou a esse facto culminante de vida portugueza, serão já de sobra conhecidos pelos nossos leitores em relato dos diários da capital ou pelos telegrammas diariamente affixados á porta da nossa redacção e desnecessario seria repetil-os aqui, n'um jornal de pequenas dimensões como o nosso, e que não chegaria para o mais resumido extracto de toda a anormal vida publica d'estes ultimos dias.

D'esses acontecimentos destacaremos apenas, n'este lugar, um dos de maior evidencia. Mortos D. Carlos I e o principe D. Luiz Filipe, é hoje rei de Portugal o senhor D. Manuel II, principiando o seu reinado em bem angustioso momento. Esperamos que a Providencia o illumine, para que a Patria Portugueza, á sua e a nossa Patria, continue sendo o que sempre fôra antes da tristissima aventura dictatorial—uma grande familia affectuosa e unida, cujos membros, fossem embora grandes ás vezes as divergencias das suas opiniões, se estimavam e se amparavam mutuamente, não havendo n'ella nem logar nem razão para odios profundos.

### Como n'esta cidade se soube do attentado

O nosso correspondente em Lisboa móra na rua de S. Bento e estava em casa quando se deu o attentado. Pouco depois das 5 horas da tarde ouviu grande movimento na rua e assomando á janella, viu gente fugindo em todas as direcções e perguntando se em grande anciedade. D'uma das respostas, dita em toada afflictiva, o nosso correspondente percebeu apenas estas palavras: «atiraram á familia real.»

Calculando então que alguma cousa de grave occorrêra, desceu a escada e logo aos primeiros passos na rua recebeu confirmação das palavras que ouvira. Correu a saber pormenores do facto para os comunicar ao nosso jornal, mas por cada bocca corria uma versão, fallando umas apenas de ferimentos e outras de mortes. Dirigindo-se en-

tão á redacção do *Jornal da Noite* onde calculou que se soubesse já a verdade do succedido, perguntou um dos redactores:

- O que ha de verdade?
- Mataram o rei e o principe.
- E' positivo?
- E' positivo. Está a compôr-se e vae já sahir a sensacional noticia.

Então o nosso correspondente veio telegraphar-nos á estação do Calhariz, mas ahi, onde ainda nada sabiam, quizerem prendel-o, julgando falsa a noticia. Por fim, apenas se recusaram a acceitar o telegramma.

Dirigiu-se a outra estação, onde lhe succedeu quasi o mesmo, pois não queriam acreditar a noticia.

Por fim veio o nosso correspondente á estação Central do Rocio onde lhe acceitaram o telegramma, a muito custo, só ás 7 horas da noite.

Esse telegramma e ainda um outro da *Havas* tambem enviado ao nosso jornal, foram entendidos em Villa Real de Santo Antonio só depois das 9 horas da noite, quando já fechára a estação telegraphica de Tavira. Por isso, só ao abrir esta pelas 8 horas da manhã do domingo seguinte, recebemos os telegrammas da occorrença que, meia hora depois, tornavamos conhecida em supplemento do nosso jornal que teve larga distribuição e que n'algumas povoações visinhas para onde os revendedores o levaram nos primeiros comboios, chegou a vender-se a 200 réts cada exemplar.

### El-Rei D. Manoel

(EXCELLENTE ARTIGO DAS «NOVIDADES»)

«Pela morte de Sua Magestade El-Rei D. Carlos e pela de Sua Alteza o Senhor D. Luiz Filipe, foi proclamado Rei o Senhor D. Manuel, segundo do nome em Portugal, que recebe a corôa manchada de sangue de duas pessoas queridas. Filho segundo, irmão de um principe na força da vida, robusto e forte, cuja saude nunca inspirára a menor apprehensão, ningueu o diria fadado para assumir as responsabilidades historicas da primeira magistratura do paiz. Approve, todavia, á Providencia chamal-o a esse exercicio em circumstancias que se approximam d'aquellas que levaram ao throno, em 1495, o primeiro Rei Manuel da nossa historia, duque de Beja como o soberano de hoje, o qual, tambem, só por morte do herdeiro legitimo da corôa, o principe D. Affonso, subiu ao throno dos seus antepassados. Não cabem adulações em nosso espirito. O que escrevemos não poderá ser levado á conta de cortezanias, que sempre nos repugnaram, antes de sincera manifestação de um desapaixonado sentir. O Senhor D. Manuel que tem, apenas, desoito annos, presisamente a idade em que a Constituição julga os principes aptos para aquelle duro officio de reinar de que nos fallava esse monarcha de sonho que foi o seu glorioso tio Pedro V, é uma creança adoravel. Os seus professores e as pessoas da côrte que com elle privam mais de perto dizem-no intelligentissimo, dotado de uma grande vivacidade de espirito, que

se lhe denuncia no olhar prescudador e vivo e no sorriso rasgado, franco, leal, a que um certo ar de azougada malicia dá, por vzes, uma nota de communicativo encanto. Possui, além d'isso, raras facultades de estudo servidas por um desejo imperioso de saber, que faz a alegria e o orgulho dos seus mestres. Tendo adquirido na educação intima a pratica da virtude, quer adquirir na instrução superior a pratica da sciencia. E não perde o menor ensejo de o affirmar, interessando-se por tudo, inquirindo de tudo, procurando, a todo o momento, esclarecer o espirito, excellentemente tratado, já, pelo optimo plano de estudos a que estava sujeito, com seu irmão mais velho, o mallogrado Principe Reil, e pela applicação de que sempre tem dado provas no seu tirocinio de estudante.

Saudamos, enternecidamente, o novo Rei, cujo infurtunio attrahe, para a sua figura insinuante de adolescente, as benções de todos os bem formados corações. E, ao saudal-o, n'este segundo dia de um reinado que se cimenta no sangue de seu pae e de seu irmão, dirigimos, do fundo de alma, um appello ferrenoso a todos os que tem que guiar os seus primeiros passos para que suavisem o calvario a que acaba de subir, coberta de luto, uma creança digna de todos os respetos e credora de todos os carinhos. Estamos em crêr, pelas indicações de pessoas insuspeitas pelas suas proprias palavras na reunião do conselho de Estado, a que já, hontem, presidiu, que Sua Magestade é um espirito de seu tempo, franco, despretençioso e leal, fechado a preconceitos e aberto á bondade e á clemencia. Inexperiente pela idade e pela orientação dos seus estudos, como elle mesmo disse, ao assumir a presidencia do mais alto corpo politico do Estado? Tanto melhor. Cultivem os homens publicos de Portugal esse terreno sem macula affeioando o á produção de uma norma constante de proceder, rasgadamente liberal; façam de D. Manuel II o chefe de uma verdadeira democracia moderna; orientem-no; guiem-no; eduquem-no no culto sincero da lei, sem o qual não ha, hoje, regimen politico que se mantenha, quer seja monarchia conservadora ou republica avançada; indiquem-lhe o exemplo de seu augusto primo de Italia, em cujas veias circula, como nas suas, o sangue cavalheiroso de Saboya; tomem, todos, a peito, converter em flores os espinhos da estrada que o novo Rei tem, fatalmente, de percorrer, trabalhem, emfim, para que, a breve trecho, se converta em radicado amor de um povo inteiro a sympathia que, a todos, merece o gentilissimo principe tão cedo experimentado pelas maiores dores humanas. Vae longe o tempo em que os povos pertenciam aos reis. De ha muito, já, que os reis pertencem aos povos. Antes de o ter recordado ao desditoso principe D. Luiz, o ultimo presidente do conselho de D. Carlos I, proclamou-o cego sublime que foi Henri Heine. Pois que D. Manuel II pertença, verdadeiramente, ao seu povo pela pratica de uma magistratura em que todas

as liberdades d'esse povo sejam garantidas pelo cumprimento inflexivel da lei e em que todas as conquistas liberaes da administração dos Estados encontrem no seu critério de rei moderno e bom um seguro penhor de applicação a quem, por todos os titulos, as merece e, por todos os meios, demonstra não as dispensar. Taes são os votos que fazemos. Taes são, por certo, os votos que faz comnosco' a maioria dos portuguezes, ao vêr surgir a esperança do novo reinado da tragedia pavorosa do dia 1 de fevereiro.»

### O novo ministerio

Tendo João Franco pedido a demissão do gabinete, foi no dia seguinte organizado este novo ministerio:

- Presidencia e reino — Ferreira do Amaral.
- Justiça — Campos Henriques.
- Guerra — Sebastião Telles.
- Marinha — Augusto Castilho.
- Fazenda — Manoel Espregueira.
- Obras Publicas — Calvet de Magalhães.
- Estrangeiros — Wenceslau de Lima.

Organizou-o com uma dedicação e uma lealdade que cumpre bem accentuar o snr. conselheiro Ferreira do Amaral, antigo ministro da marinha no gabinete Dias Ferreira, presidente da Real Sociedade de Geographia, par do reino e ainda não ha muitos mezes major-general da armada portugueza, elevadissimo cargo de que teve de exonerar-se por motivos ainda não olvidados e que só honram o seu caracter pessoal e politico.

Já lá se vae o ministerio do dictador que acabou, com a dictadura, por entre o sinistro sibilar de balas que immortalisaram na tragica tarde de 1 de fevereiro a rapida correria do coche real, transportando já dous moribundos, entre o Terreiro do Paço e a porta Arsenal de Marinha. Temos ministerio novo que se affirma como monarchico constitucional, não só pelos seus primeiros actos como ainda pelas proprias individualidades que foram chamadas a constitui-lo. Entram alguns dos seus membros, sem anteriores responsabilidades politicas, pela primeira vez no governo do paiz; vêem os outros dos dois partidos da rotação constitucional igualmente equilibrados dentro do ministerio.

São estes, sem duvida, personalidades das mais distinctas e evidentes dentro dos seus respectivos agrupamentos partidarios, cujas preocupações particulares têm de fatalmente pôr de parte se quizerem levar a effeito a obra altamente patriótica cuja execução se impõe ao governo de cujas responsabilidades foram chamados a partilhar.

Tem impreterivelmente, o novo reinado de inaugurar uma nova era na politica nacional, que inicie um periodo de prosperidade e tolerancia de molde a fazer perdoar —note-se que não escrevemos *esquecer*—uma longa serie de desatinos e erros e mesmo crimes contra a Carta Constitucional da monarchia e ainda contra as mais ele-

mentares garantias individuaes. Tarefa sympathica sem duvida, ainda que difficil; difficuldade, no emtanto, que não quer dizer impossibilidade, tanto mais que a presença no throno d'um rei que é ainda quasi uma creança, muito concorre a facilitar a obra dos seus conselheiros e ministros responsaveis.

Collocando-nos dentro da mais esperanzada e benevola expectativa, aguardamos os actos do novo governo, convictos de que, conscio da enorme responsabilidade que sobre elle n'este momento peza, saberá manter-se á altura da sua missão, como já deixou antever nas suas primeiras medidas tão sympathicamente acolhidas pelo sentimento publico. Governe o ministerio dentro da lei e da lealdade, trabalhando indefessadamente para acalmar essa tormenta d'odios que ainda por completo não desapareceu de tantos corações, não esquecendo nunca que a sua obra liberal e democratica deve ser principalmente approximar a Corôa portugueza — n'ella integrando-a quanto possivel—da sympathia nacional. Só assim a monarchia poderá resistir ao tremendo vendaval que veio açoutar o seu throno de sete seculos...

### Impressões pessoases dos ultimos acontecimentos

De Lisboa foi enviada a um nosso amigo a seguinte carta que se não destinava á publicação, mas que nós publicamos, com a devida licença, por a acharmos aproveitavel como impressão pessoal dos ultimos acontecimentos:

Meu caro...

Respondo á tua recebida hoje. Pouco posso adeantar-te que o não cõlhas nos jornaes. Só as minhas impressões pessoases e estas estão discutiveis.—No sabbado escrevia eu a meu compadre R... dizendo-lhe: acautella-te e arranja-te, insta pelo despacho de delegado e toma logo posse, apenas elle venha na folha official, porque quanto a mim, a aventura franquista está em liquidação.—Horas depois dava-se o assassinato do rei e do principe. Este desenlace estava previsto? Não. O que sempre se preveu é que este mal estar social, esta tenção nervosa em que o povo da capital vinha jazendo, provocada pela accção irritante do governo, pelas suas constantes provocações, pelas prisões de muitos cidadãos que só eram conhecidos pelas suas idéas liberaes, pelas bravatas dos seus orgão da imprensa, em fim, pela sua cega imprevidencia e desenfreado espirito persiguidor, tudo isto, caminhava para um desenlace, fosse qual fosse. As maiores vilezas, as mais provocadoras infamias, as mais fundas extorsões, provocaram a reacção. O governo sabia, de certo, da sua impopularidade, pois, não obstante, preferiu á acalmção que tudo aconselhava, a mais irritante provocação. Depois das prisões, postergando direitos e regalias de membros do parlamento, sonhou com a extorção e veio o decreto de sabbado por-lhe nas mãos o julgamento descriptonario de reaes ou imaginarios delictos. Por cima d'isto, o cumulo da

DE HENRI HEINE

A EVOCAÇÃO

provação. O rei vinha em ar de escarneo e de bravata, em carruagem descoberta, sem escolta, fazendo de tudo isto uma sucia de poltrões, incapazes de uma reacção. —Ahi está o resultado.

N'esta hora que devia ser de dôr e de saudade, tudo respira como que alliviado, ninguem sente a tragedia de sabbado! Está n'isto o commentario eloquente ao succedido.—

O futuro apresenta-se-me como uma interrogação medonha. Para onde vamos?—Para a Republica, estou d'isto firmamente convencido. Bem? Mal? Isso agora é impossivel prever; mas o que, com certeza, se não dará, é uma coisa como esta a que ha quasi um anno toda a nação de sentimentos liberaes, vem assistindo de surpresa em surpresa. Os tempos do absolutismo passaram. Ou o descarem ou o disfarcem, elle não pode reviver.—O novo rei vem n'uma conjunctura difficil, ou facil, segundo os conselheiros o encaminham.

Quer governar com a lei? Quer e ama a liberdade? Talvez se agüente. Mas para isso deve:—limitar as suas despesas, não gastar a larga enquanto o povo se vê rodeado de mil impostos, cada qual mais aggravante; pagar, por si, pelos seus bens e pela sua dotação, as dividas, ou chamados adeantamentos, da casa real; dar ampla annuítia, reconhecer os direitos e regalias dos presos imposta e oddiosamente capturados; finalmente, reformar a carta constitucional no sentido republicano, mas effectivamente applicada, no sentido de não mais se voltar á dictadura!—

Com a aventura franquista, podes tu imaginar quanta lesão de interesses, quanto roubo á mão armada o governo franquista fez e auctorizou?—Quantas familias (centenas) que viviam dos salarios de operarios da imprensa diaria supprimida, teem ficado sem pão?—Os lucros cessantes e os danos emergentes?—Não falemos na agonia lenta de familias que ignoram, ou teem ignorado, o paradeiro dos seus chefes, presos em prisões infectas, cheios de frio, mortos de fome, ruidos de bieharia?—Meu caro Manuel: as prisões estão cheias.

A Lucia de hoje traz uma lista, não digo bem: o Mundo de hoje traz uma lista só dos presos em 29 de janeiro ultimo. Sabes quantos são?—Conto 83! Estão no forte de Caxias. Imagina por aqui o resto. Ao dr. João P. dos Santos, dissidente progressista, que deixou 2 orphãos, porque é viuvo, foi-lhe remechida a casa e o escriptorio e as pobres creanças choravam a falta do pae, que se não sabe aonde pára!—Então quem semeia d'estes ventos não ha de colher a tempestade?—Mas isto são as minhas impressões. Tu queres noticias. Os jornaes de hoje dão demittido o governo franquista e chamado o Ferreira do Amaral, e como chefe de um governo de acalmção.

Oxalá elle acalme e que o sangue que correu seja o unico.—O Franco quer representação no novo ministerio mas o Vilhena e o José Luciano (este vingou se no Conselho de Estado, dos coices que o Franco lhe tem dado) oppõem-se tenazmente e a ideia parece que gorou.—Deve ser laboriosa a constituição do novo governo e, mesmo que seja formado de homens de rija tempera, como as circumstancias pedem, terá pouca duração.—O franquismo liquidou, Quer-se o governo a serio. Pela lei e pela liberdade Oppressões ninguem as deseje nem ponha em pratica. A lição é eioquente.

Diz se que o elemento—palaciego—aquella camarilha que é como a herva parasita, não deixará que o novo rei siga o bom caminho. Diz que ha tempos o actual rei convidado para subscrever para o monumento a erigir ao marqués de Pombal, o fizera com 100000 réis e que, por isso, fôra reprehendido, privado de certas regalias e castigado como collegial que commetteu forte imprudencia. Até que ponto isto é verdadeiro, não sei.—Eu faço votos porque elle governe bem, e porque não consinta mais aventura como esta do franquismo.—

Um jovem frade franciscano está sentado solitario na sua cella lendo n'um velho livro intitulado *A Chave do Inferno*.

Ao dar da meia noite o frade não se poude conter por mais tempo, e, pallido de terror, invoca os espiritos infernaes.

«—Espiritos! Ide buscar ao tumulo o corpo da mais bella mulher, dae-lhe vida só por esta noite, e trazei-m'o, que eu quero contemplar e admirar os seus encantos.»

Pronunciou a terrivel formula de evocação. Immediatamente se cumpre a sua vontade, e a pobre belleza morta apparece-lhe toda envolta em vestes diaphanas.

O seu olhar é cheio de tristezas; do seu peito gelado se exhalam dolorosos suspiros, e a linda morta senta-se em frente do frade, depois, ambos se contemplam em silencio...

VELHA CANÇÃO

A morte veio visitar te e tu nada soubeste. A formosa luz dos teus olhos se apagou, a tua bocca vermelha se tornou pallida, e tu morreste, ó minha branca pomba!

Por uma triste noite de verão eu mesmo te conduzi ao cemiterio. Os rouxinolos cantavam as suas maguas, e as estrellas seguiam o teu pequenino caixão.

O cortejo internou-se pela floresta dentro onde echoavam litanias. Os pinheiros cobertos de crepes murmuravam a oração dos mortos.

Ao passarmos perto d'um lago rodeado de salgueiros vimos as fadas dansar de ródia. E ellas, ao verem-nos, pararam de dansar e olharam-nos com piedade.

Chegamos ao teu tumulo. A lua desceu lentamente do ceu e pronunciou um discurso.

Depois, um longo soluço, profundos gemidos, e, ao longe, o dobrar dos sinos...

A CONDESSA PALATINA

Por uma formosa noite de luar a condessa palatina jura atravessar o Rheno n'uma barquinha em companhia da sua creada.

Emquanto a creada remava, disse-lhe a condessa:

«—Não vês sete cadaveres que nos seguem nadando?»

«Como os mortos nadam de noite!»

«Foram outr'ora brilhantes fidalgos cheios de mocidade e amor. Cahiram desvairados em meus braços, e me juraram fidelidade eterna. E eu para ter a certeza que elles nunca trahiriam o seu juramento, mandei-os prender e em seguida afogar.»

«Como os mortos nadam melancolicamente de noite!»

A creada continuava remando. A condessa soltou uma gargalhada que o echo das montanhas repetiu com um som lugubre e ironico.

E os cadaveres vogavam com o tronco fóra d'agua, movendo os olhos vitreos, e erguendo a mão direita como a prestar juramento.

Como os mortos nadam melancolicamente de noite!

A VOZ DA MONTANHA

Um cavalleiro segue pelos valles a trote triste e lento.

«—Ai de mim, diz elle, vou para os braços da minha amada ou para a morte?»

A voz da montanha responde-lhe:

«—Para a morte!»

O cavalleiro continua caminhando e suspira dolorosamente.

«—Morrer tão moço... Que importa? A morte é a paz!»

A voz repete-se:

«—A morte é a paz!»

Pelo rosto melancolico do cavalleiro desliza uma lagrima.

«—Oh! se para mim só ha paz na morte, a morte é a felicidade!»

E a voz repete ainda:

«—A morte é a felicidade!»

Carlos de Alemquer.

SOMATOSE

NA CONVALESCENÇA

MANOEL JOAQUIM MENDES DO PASSO

Pediu a sua demissão do lugar de administrador do concelho, o nosso amigo sr. Joaquim Manoel Mendes do Passo.

Devemos-lhe a justiça de dizer que a sua administração foi das mais sensatas que se tem feito n'este concelho e que poucas vezes um administrador abandona o seu cargo deixando, como agora, uma tão profunda athmosfera de sympathia e sincera saudade. No exercicio das suas funcções, sempre espinhosas pela qualidade politica de que se investem, soube conciliar a justiça com as conveniencias partidarias e se algumas teve de sacrificar certamente sacrificou estas em beneficio daquelle.

Modesto e bom, dispensando tanto aos seus empregados como ao publico, um trato affectuosamente familiar, grangeou a estima geral e como nunca abusou nem fanfarronou da sua situação do poder, hoje, em vez de receber o desdem que recebiam muitos dos que foram seus correligionarios n'esse partido que tão desastradamente cahiu, recebe a manifestação do apreço e das sympathias que conquistou.

Manoel Joaquim Mendes do Passo, ex-administrador do concelho de Tavira, não podendo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos e pessoas com quem conviveu, durante a sua permanencia n'este concelho, de quem recebeu as mais inequivocas provas de consideração e estima, fal-o por este meio.

A todos, muito reconhecido, oferece a seu limitidissimo prestimo na Fuzeta.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

OS QUE MORREM

Hontem, pela 1 hora da tarde, falleceu em Villa Real de Santo Antonio, victimada por antigos padecimentos, a sr.<sup>a</sup> D. Domingas Correia, estremecida esposa do nosso amigo sr. major reformado Marcos Mendes Correia, governador militar d'aquella praça.

Senhora de acrisolados dotes de bondade, muito estimada por todos que a conheciam, a sua morte deixou profunda consternação.

A seu esposo e nosso querido amigo enviamos a expressão do nosso pesar.

MISSA

Na proxima sexta-feira realisa o reverendo prior de S. Thiago uma missa na séde da sua freguezia, por alma dos fallecidos D. Carlos e D. Luiz Philippe e para a qual ficam convidados. por este meio, todas as auctoridades civis e militares.

POSTAES

Com a photographia de sua magestade El-Rei D. Manuel II, a 20 RÉIS.

Vendem-se no estabelecimento de José Maria dos Santos.

MERCADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Centeio.....	550	14	litros
Cevada.....	480	»	»
Chicharos.....	700	18	»
Favas.....	760	»	»
Feijão branco....	1300	»	»
» raiado....	1350	»	»
Grão.....	1340	»	»
Milho de regadio.	740	»	»
Milho de sequeiro.	720	»	»
Trigo broeiro....	740	14	»
Trigo rijo.....	740	»	»
Sal.....	30	»	»
Vinagre.....	400	»	»
Vinho.....	750	»	»
Azeite.....	23000	10	litros
Alfarroba.....	900	60	kilos
Figo.....	13200	30	»
Laranjas.....	240	0	Cento
Batata.....	600	15	kilos
Arroz.....	13800	15	»

O PODER

Se o Poder se não funda em sympathia E dos mais não respeita a Liberdade, Não é Poder de certo, é Tyrannia; E' viver n'uma constante anciedade.

Que todos este sério exemplo tomem, Não esquecendo, sequer, um só momento, Que deve ter, quem manda, o sentimento Do perigo que existe em qualquer homem!

Que, hoje, podemos crêr e já sem custo Que, sob um ceu bem limpido e sereno, A pouco e pouco, o verme mais pequeno Dá cabo do carvalho mais robusto:

Que uma pedrinha impelle a fundo abysmo, Quanto mais a dureza d'um rochêdo! Que um microbio derróta um organismo Vivendo nos dominios do segrêdo!

Que valem crueldades e Terror Que pretendam cortar com golpe fundo? Mais vale uma palavra, só, d'Amor, Que os exercitos todos d'este mundo.

Co' o Povo deve ser-se cauteloso Apenas o rubor lhe suba á face; E o Despotismo é vinho capitoso, De embriaguez que se não cura e passe.

E o que carrega, sempre, a carabina E, o que a polvora amassa de quem mata E o Odio e o Amor, d'ondê ressalta O tiro d'uma lucta clandestina.

Mas, por Deus! Reflecti e pensai bem, Vós todos, que uma auréola sobredoiira: Que é nosso cerebro um balão que estoira, Se em paz esses dois gazes não sustem

E esses que mandam devem ser discretos Domadôres de tão cruéis Leões: Um, chamado Odio e outro, Amôr— affectos Com jaula dentro em nossos corações!

Talvez que a habilidade, emfim, consinta, Em têl-os cada um, prêso a seu pôtro. Sempre de longe, embóra sempre á vista; Porem sempre afastados um do outro!

Pois Tudo se converte, e não vai bem E célere, então, corre p'rá Desgraça Quando o nosso Odio fere o Amôr d'Aiguem Em dia que mais tarde, ou cêdo passa.

E, sobre tudo, é bom rememorar Um caso sempre velho e sempre nôvo: Que é um lago que se transforma em mar Esse gigante que se chama o Pôvo

Creança que se dobra, como um vime, Mas quanto mais se prostra de canção Mais se reteza, como flecha d' aço, Mostrando heroicidade até no crime...

Se o Poder se não funda em sympathia E dos mais não respeita a Liberdade, Não é Poder, de certo, é Tyrannia; E' viver n'uma constante anciedade...

Como, em vão, os segredos eu preseruto Da Alma humana e seus varios destinos, Ao ouvir dobrar tristemente os sinos: Sentindo a acerba Dôr de tanto luto!

Faro, fevereiro de 908.

Salazar Moscozo.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

Hoje, 9—Jacintho José d'Andrade. Segunda, 10—D. Joaquina Aboim d'Ascenção. Terça, 11—D. Maria das Dores Barroso, D. Maria de Lourdes Ferreira, D. Maria Helena da Silva Pinto, Francisco Gonçalves Pinto. Quarta, 12—D. Maria Luiza Fructuosa da Silva, D. Concha Azevedo, D. Clara Abecassis Fernandes Vargas, D. Maria Victoria de Mattos Cumano, Fernando Barbosa y Pego, Padre José Parreira Espada Callapez, Rodrigo Ferreira Aboim. Quinta, 13—D. Maria Garcia Ramirez, D. Augusto Xavier da Silva Mello e Sabbo, José Francisco Travassos Neves. Sexta, 14—D. Emilia Garcia Ramirez, conselheiro João Franco, Viriato Antonio Guerreiro, a menina Brites Baptista Falcão. Sabbado, 15—D. Ritta Augusta Celorico Tamissa Barreira, D. Jovita Clara de Moura, dr. Matheus Teixeira d'Azevedo, Torpes José, Joaquim Eduardo Santos, o menino Antonio Ramirez.

O HERALDO

Está a pagamento o anno de 1907 para os senhores assignantes da Luz, Santo Estevão, Santa Catharina, Cachopo, Conceição e Cacella.

ANTONIO CERQUEIRA

E

JOSÉ TEIXEIRA D'AZEVEDO

ADVOGADOS

Rua do Ouro, 149, 2.

LISBOA

ULTIMA HORA

Lisboa, 8.

Cortejo funebre caminha para S. Vicente. Todo povo aguarda passagens ruas. Absoluta ordem. Commercio encerrado.

CHRONICA DE PARIS

Vida litteraria—Os livros em Paris—O divorcio segundo Paulo Bourget—Taine e sua obra

E' extraordinario o que escrevem diariamente, em Paris, os escriptores, porque aqui toda a gente escreve. Como fallo de memoria, não posso dizer, exactamente quantos volumes publicam os editores, para saciarem a curiosidade do publico. O leitor que isso vê, ha de dizer, sem duvida, que os editores de Paris editam mais livros do que os do mundo inteiro e que, se os publicam, é que os vendem e que, por conseguinte, ha quem os leia. Pois é engano!

Pelo que diz respeito ao negocio dos livros, com relação ao publico parisiense, que os compra para lê-los ou que os lê sem comprá-los, ha que dizer-se a verdade, que nem todos sabem: dos volumes editados em Paris, apenas a decima parte o é em realidade, pelos editores cujo nome apparece na capa do livro. O resto são obras sem importancia, por assim dizer, quando não immoraes, escriptos sem correcção nem estylo; outros ainda cheios de estampas, que querem ser modernistas e perversas, cujos autores—muitos d'elles uns tafues que assim acham ensejo de dar nas vistas—pagam os gastos da edição, para terem o gosto de apparecer como escriptores aos olhos das amantes e... dos criados. Escusado é dizer que ninguem compra taes livros. Um bello dia apparecem nas montras dos livreiros com a menção:—Acaba de sahir á luz—e antes de decorrerem oito dias, vae a edição toda parar (salvo os exemplares que o autor envia aos amigos) ao trapeiro que compra os papeis velhos a vintem o kilo.

O publico, que costuma passar horas perdidas diante das livrarias ao ar livre, conhece aquellas obras por instincto e foge d'ellas como da peste. Por outra parte, repito o que já disse differentes vezes, e que é uma grande verdade: hoje compram-se e leem-se poucos livros. O jornal e sobretudo a Revista matou o livro. Os diarios afamados e de grande circulação adoptaram o systema (que se vae tornando antigo) de publicarem nas suas columnas, não só as novellas que podem interessar o publico, sob forma de folhetim, mas tambem artigos de grande importancia litteraria, artistica ou scientifica. leitura que leva menos tempo, ficando o livro hoje unicamente para satisfazer a curiosidade, a paciencia e a avidez dos criticos, philosophos e eruditos.

Eu bem queria dizer algumas palavras, ao correr da penna que fosse, a proposito dos livros que se publicam diariamente em Paris e que fazem parte das produções litterarias editadas por conta e risco dos editores, mas é impossivel dar uma ideia d'esse *minimum* de movimento litterario. Limitar-me-ei portanto a citar algumas das obras que mais me impressionaram.

Eu desejava fallar detidamente no livro de Paulo Bourget: *O divorcio*, não por elle ter sido publicado ultimamente; mas porque acabam de representar aqui uma comedia tirada do romance pelo proprio autor. Prefiro fazê-lo n'outra occasião, quando se tiverem acalmado os animos excitados por essa obra cuja conclusão é falsissima.

Acho um absurdo o querer atacar o divorcio, dizendo que não é um remedio, mas o caminho que leva direito ao amor livre. E' uma these que cheira a *sectarismo*. Ora o *sectarismo* está condemnado como anti-aesthetic e falso em litteratura.

Muito melhor é um livro publicado recentemente e que considero uma preciosa critica litteraria. Refiro-me ao brilhantes e consciencioso estudo de M. Aulard sobre a celebre obra de Taine relativa á Revolução franceza, e particularmente sobre a personalidade litteraria do autor. Não se pode negar que as origens da França *contem-*

poranea, constituem um monumento de erudição e de sciencia historica, mas ha n'este livro consagrada a Taine, como grande historiador, muito de convencional... e tambem de sectario. Hoje a critica tem remexido immenso a obra de Taine, o que faz com que o notavel historiador saia um tanto amesquinhado de tanto exame. A pedra de M. Aulard foi tão implacavel como certa. Não conseguiu fazer cair o idolo do pedestal, mas fê-lo abalar. A sua fama dividida ameaça ruina. *Sic transit.*

Paris, janeiro de 1908.

A. Vinardell-Roig.

PROVINCIA

Lagôa

Na igreja matriz d'esta villa realizou-se no dia 30 de janeiro ultimo o enlace matrimonial do sr. dr. Bernardino Moreira, medico municipal de Monchique, com a sr. D. Francisca Ritta de Mendonça Costa, interessante filha do abastado proprietario sr. Antonio Joaquim da Costa.

A noiva, que trajava uma elegante e riquissima *toilette* de setim branco, foi acompanhada á igreja pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria Lucia de Mendonça Costa Aguas, sua irmã e D. Isabel Lucia de Mendonça e algumas das suas amigas intimas. Foram testemunhas o pae da noiva e o sr. commendador José Joaquim Aguas, de Monchique. Celebrante foi o reverendo prior Ignacio dos Santos Negrão.

Finda a cerimonia religiosa serviu-se em casa do pae da noiva um delicado *copa d'agua* a que assistiram todos os convidados. Os noivos partiram no domingo seguinte para Monchique, onde o noivo já tinha a sua residencia.

Na *corbeille* nupcial viam-se as seguintes prendas de fino gosto e subido valor:

A noiva—uns brincos de brilhantes, do noivo; uma rica mobilia de quarto, completa, um piano *Bechstein* e um guarda chuva *Pompadour* com castão de prata dourada de seus paes; um estojo com uma duzia de colheres e pá para assucar, em prata, e uma elegante bandeja, de sua irmã e madrinha D. Maria Lucia M. C. Aguas e seu esposo; um meio adereço em ouro e perolas e uma rica salva de prata, de sua madrinha D. Isabel Lucia Mendonça; uma salva e uma palmatoria em prata, de sua irmã D. Anna de Mendonça Costa; uma carteira para bilhetes em filigrana de prata, de seu sobrinho José Candido da Costa Aguas; dois pannos em *fillet* feitos pela offerente, de sua tia D. Ritta de Paula Gambôa; uma saia bordada e uma *blouse* bordada em seda, de sua tia D. Margarida Mendonça Oliveira; um lenço em *fillet*, de seda, feito pela offerente, de sua prima D. Maria Thereza Soares; uma colcha e dois almofadões, tambem bordados pela offerente, de sua prima D. Leonor da Costa Correia; um jarro para agua, de Francisco de Paula Borba; uma anelleira em prata, de D. Anna Sanches; uma anelleira em crystal, de D. Anna Heliodora Reis; um estojo com chavena e pires em louça de *Sèvres*, de D. Josephina Sanches; um par de *augures en bronze patine vert antique*, de D. Rosa Negrão Marques e esposo; uma almofada em velludo para sofa em pyrogravura e uma cadeira primorosamente bordada a matiz em desenho *arte-nova*, de D. Maria da Apresentação Negrão; um anel e um lenço de seda branco bordado a seda, de D. Isabel Lapa de Mendonça; um estojo completo para *toilette*, com 6 escovas em prata, de D. Emilia Aida Carvalho Pereira e esposo; uma salva de prata, de D. Joanna Carvalho de Azevedo Lobo e sua filha.

Dois pratos artisticos em cobre *repousée*, representando um a heroica Joanna d'Arc e o outro o valente marinheiro Jean Bart; de José Carvalho d'Azevedo e Silva; uma anelleira em crystal e prata, de D. Josephina Simões Carneiro Marques; um estojo com escovas de prata para dentes e unhas, de D. Emerita Negrão Marques e es-

poso; uma manteigueira em crystal e *crystoffle*, da menina Maria Guilhermina de Negrão Marques; um *dessus de carafé*, bordado pela offerente, de D. Violante da Silva Drago; um artistico paliteiro em prata, de D. Maria das Dores Gimenes Ribeiro e esposo.

Um estojo com argola para guardanapo, em prata dourada, de D. Marianna Cabrita Grade; um lençol e dois almofadões com finissimos bordados *ajours*, de D. Beatriz Gomes Féria e filha; uma bilheteira em *crystoffle* e crystal, de D. Maria da Luz Azevedo Drago e filhos; um estojo com escova para cabelo e pente, em prata, de D. Candida Carapeto e esposo; um estojo com 2 argolas de prata cinzelada, de D. Rosa Guerreiro Carapeto; uma bilheteira em *crystoffle* e prata, de D. Maria das Dores Rosado Garcia; um paliteiro em prata, de Manoel Rosado Garcia; uma salva de prata com estojo, de D. Lola Roçadas e esposo.

Um *sachet* em setim branco, bordado pela offerente, de D. Nazareth de Brito; uma carteira em prata para bilhetes de visita, de Francisco de Paula d'Azevedo e Silva; um port-pentes, bordado em setim pela offerente, da menina Sol Féria Correia; um pésa cartas e uma composição de muzica, original, de D. Isabel Judice Carneiro e esposo; um par de jarras para *toilette*, da sua costureira sr.<sup>a</sup> Maria Rosa Cortes; um almofadão bordado a branco e um porte toalhas bordado a matiz, de sua afilhada Felisbella da Graça Raposo; uma caixa em charão para joias, de sua criada Maria Casimira.

Ao noivo: Um rico alfinete de brilhantes, para gravata, da noiva; uma bengala em madeira d'Amourett com castão em prata *nielle* com partes finamente gravadas em branco e um estojo com cigarreira e phosphoreira, em prata dourada com folhas de azevinho, dos paes da noiva; uma riquissima e linda salva de prata, do sr. commendador José Joaquim Aguas; um lindo e rico album para retratos, em charão, do sr. Antonio Martins d'Azevedo; um estojo com uma rica bandeja e escova para migalhas, em prata, do sr. João Gregorio Figueiredo Mascarenhas e seu genro; um rico e completo estojo para escriptorio, em prata, dos srs. Francisco dos Reis Callapez, Antonio José de Magalhães, Antonio dos Reis Callapez e José Marques Carneiro; um estojo de escovas e pentes, em prata, do sr. José d'Oliveira Chaparro Junior; um rico e artistico cinzeiro, em prata dourada, do sr. J. J. Raphael; uma bandeja e thesoura para vellas, tudo em prata, do reverendo padre David José Pinto Ribeiro Netto; tres argolas de prata dourada para guardanapo, do sr. Antonio Joaquim Carrapeça Segurado; um riquissimo estojo com differentes objectos em prata, do sr. José de Oliveira da Costa Gonçalves dr. Juiz de Direito, de Portimão.

CARTILHA POPULAR

OU

Arte de leitura

POR

João Rodrigues Aragão

Professor do Lyceu

E DA

ESCOLA NORMAL DE FARD

PREÇO 30 RÉIS

Vende-se no estabelecimento de José Maria dos Santos—Tavira.

MISSA

Commemorando o 1.º anniversario da morte da sua sogra sr.<sup>a</sup> D. Isabel Centeno, mandou o sr. dr. Castanho rezar uma missa na igreja de S. Antonio, em 6 do corrente.

ENCADERNADOR

RUA DA BOA VISTA, 10 FARO

DO ALGARVE AO MINHO

(CHRONICA HUMORISTICA

IV

Figueira da Foz

O *Grande Hotel Universal*, que o *Guia* indica como um hotel magnifico, nem sequer tem uma casa de banho, e a sua meza, servida por creados encasacados, deixa muito a desejar.

Vá lá uma pessoa fiar-se nos *réclames* do sr. Mendonça e Costa!

A Figueira é dotada d'uma vasta praia, que vae além de Buarcos, descrevendo uma ligeira curva.

Durante julho, agosto e setembro a Figueira offerece um movimento desusado, predominando no mez d'agosto a colonia hespanhola e no de setembro a portugueza.

E' de ha muito considerada a primeira praia de Portugal.

Na epocha propria tem enorme concorrencia: alli se encontra a gente de toda a parte, notando-se muita mulher de côr, mulatinhas da Bahia, de Loanda e outras regiões tropicaes.

Quando lá estivemos mais de duzentas barracas se viam armadas e á sua frente, sentados em bancos de madeira, ennumerados grupos de novos e velhos, d'homens e mulheres, afóra, é claro, os eternos namorados a cochicharem galantemente. De momento a momento, duas ou tres banhistas, escorrendo agua, de perna á amostra e cabelo em desalinho, atravessavam a multidão que abria alas para as contemplar, havendo da parte dos rapazes a lubrica cubiça dos corpos impecaveis e da parte das meninas sorrisos maliciosos de mistura com gritinhos significativos...

O luxo na Figueira, entre os banhistas, toca o auge do exagero e ultrapassa as fronteiras da leviandade. Ha menina que muda no dia quatro e cinco *toilettes* e rapaz ha tambem que muda duas e tres vezes, apesar de, não poucas vezes os credores os encaram com maus olhos... Depois de mostrarem todas as *toilettes* vão-se embora, com mais teias d'aranha na cabeça, com mais dividas e... menos saude.

A impressão que o visitante observador traz d'essa colmeia de pessoas vestidas de sedas e adornadas de fitas mirabolantes é esta, sem duvida: as ricas a comprar e as pobres a vender — o corpo...

Mas isso que tem? Não se avistam ao longe, sob a cupula rebrilhante do firmamento, o Cabedello, Montemor, Maiorca e outras terreolas alegres onde a imaginação d'essa sociedade doentia pouza sem demora a morbidez dos seus olhares tristes! Tudo postico, tudo falso, do brasilleito falando á moda *di lá* até ao alfacinha com a encadernação de commendador.

O dia na Figueira, para quasi toda aquella numerosa camarilha d'ociosos, é assim distribuido: até ás 10 da manhã na praia; das 10 ás 12 o almoço; das 12 ás 5 da tarde á porta dos *cafés*, bebendo cerveja, jogando, namorando e fallando bem...

Porque só no Algarve, leitora algarvia, ha a mania de se fallar mal... do proximo.

A' noite, a seguir ao jantar, vem tudo passear e tomar fresco. Ha o «picadeiro» na rua da Boa Recordação, se a memoria me não engana, que é onde bate o chic, a fina flôr da colonia banear da Figueira, desde da aristocratica marquezia com o logar d'honra na cõrte até ao enluvado gatuno com logar escolhido na cadeia. A essa hora os *cafés* tomam uma animação extraordinaria, onde as senhoras tambem vão refrescar os ardores da calma e do amor...

Cumpre-me elucidar que a Figueira é uma bella cidade, sendo o seu *bairro novo* possuidor de bons predios e amplas e arejadas ruas; no *bairro velho* estão o mercado e o jardim publico, alem d'outros melhoramentos apreciaveis.

Ostenta bons *cafés*, como o *Peninsular*, o *Mondego*, o *Oceano*, o *America*, etc., merecendo especial menção o *Peninsular*, que era o antigo circo *Saraiva de Carvalho*.

Este vastissimo edificio destaca-se notavelmente, pelas bellas salas e artisticas pinturas que contem. A elle converge a maioria dos frequentadores da Figueira, sobretudo os amantes da valsa e os apaixonados das bailarinas hespanholas.

Passeiando pela Figueira e visitando companheiros d'Africa, encontramos uma barraca de leões.

O meu companheiro pretendiu vêr os bichos; o domador, porém, disse-lhe ser impossivel, visto o administrador da terra ter ordenado o descanso dos leões para aquelle dia—a terça feira...

Esta miscellanea de descansos só podia sahir do bestunto avariado d'esse sinistro bonifrate politico João Franco, que hade passar á historia como um raio de sangue e lama na noite caliginosa dos seus desvarios e dos erros crasissimos.

Na Figueira foi onde primeiro bebemos a deliciosa agua do Luso, fresca e leve que era mesmo uma graça.

Notei tambem que havia por alli a veranear muito padre, na sua totalidades gordos e córados como verdadeiros filhos de Deus. Ainda me lembro da hilaridade que um d'esses servos do Senhor provocou.

Passeava pelas principaes ruas da Figueira no meio de duas *amas* novas e sádias, gosando o fresco da tarde. E era então interessante ouvir os rapazes crivarem de ironias e allusões picantes as rechuchadas mocoilas do bom cura, muito satisfeito no seu papel de... castidade.

Benzia-se a rapaziada nas duas preciosidades do padre, vestidas á moda da aldeia e gosando as elegancias da Figueira ao lado do santo pastor... de cachopas cobichadas... Pára, penna com essas indiscrições labedinosas, peccadoras e maleficas!...

(Continúa).

MARCOS ALGARVE.

CARRERAS A VAPOR NO GUADIANA

Horarios de partidas no mez de fevereiro

Dias	Horas	De Mertola	Dias	Horas	De Villa Real
10	10,08	da manhã	8	3,34	da manhã
12	12,46	» tarde	11	7,04	» »
14	2,42	» »	13	9,32	» »
17	4,20	» manhã	15	11,08	» »
19	5,24	» »	18	0,28	» tarde
21	6,12	» »	20	1,22	» »
24	8, »	» »	22	2,26	» »
26	9,52	» »	25	4,32	» manhã
28	1,04	» tarde	27	7,08	» »
			29	9,42	» »

ANNUNCIO

EDITOS DE 30 DIAS

NO Tribunal do Commercio da comarca de Tavira e cartorio do 3.º officio, foi requerida por José Viegas Mansinho, casado, commerciante, estabelecido n'esta cidade, a homologação da concordata por elle proposta e aceite por mais de dois terços dos seus credores communs, representando mais de dois terços dos seus creditos não privilegiados nem preferentes. E no mesmo processo correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo annuncio no *Diario do Governo*, citando os credores incertos do ditto commerciante José Viegas Mansinho e os credores certos que não acceitaram a proposta de concordata: — «J. J. Eanes Gonçalves & C.<sup>a</sup>, Francisco Avelino Nunes de Carvalho, — A. R. Macedo, — José da Motta Campos, — Pimentel & Alves, successores e Santos & Azevedo» — para no prazo de cinco dias posteriores aos dos editos, deduzirem por embargos, o que considerarem de seu direito contra a concordata.

Tavira, 30 de janeiro de 1908.

Verifiquei:—J. Sereno.

O escriptivo do 3.º officio, 205 Estevão José de Sousa Reis.

1.º ANNUNCIO

NO juizo de direito da comarca de Tavira, cartorio do 1.º officio e pelos autos de expropriação amigavel requerida pelo Ministerio Publico como representante do Estado, e em que são expropriados João Rodrigues e outros, de Cachopo, — correm editos de dez dias a contar da segunda publicação d'este annuncio

no *Diário do Governo*, citando todos os interessados incertos que se julgarem com direito aos terrenos que se vão indicar, para dentro do prazo dos editos virem deduzir o seu direito ao dinheiro em deposito, proveniente da expropriação d'esses terrenos, sob pena de serem julgados livres e desembarçados, e adjudicados ao Estado, applicando se como fôr de direito os valores depositados respeitantes nos mesmos terrenos, que são os seguintes:

- 1.º—885m<sup>2</sup> de terreno matoso no sitio de Valle d'Odre, freguezia de Cachopo, pertencente a João Rodrigues, solteiro, d'esse sitio.
  - 2.º—3450m<sup>2</sup> de terreno matoso no mesmo sitio pertencente a Antonio Affonso e mulher.
  - 3.º—703m<sup>2</sup> de terreno matoso no mesmo sitio, pertencente a Antonio Fernandes e mulher.
  - 4.º—703m<sup>2</sup> de terreno matoso no mesmo sitio, pertencente a José Teixeira e mulher.
  - 5.º—521m<sup>2</sup> de terreno de regadio e lavradio, cercado, no mesmo sitio, pertencente a Manuel Simões Amaro, viuvo.
  - 6.º—2168m<sup>2</sup> de terreno cercado em 2 parcelas, no dito sitio, pertencente a Maria Fernandes, viuvo.
  - 7.º—503m<sup>2</sup> de terreno cercado no dito sitio, pertencente a João Cavaco e mulher.
- Tavira, 1 de fevereiro de 1908.  
Verifiquei a exactidão.  
O Juiz de Direito,  
J. Sereno.  
O escrivão,  
203 José Joaquim Parreira Faria.

**PREDIO**

Aluga-se ou vende se um predio em Santa Catharina, com 1.º andar proprio para residencia e tendo nos baixos armazem proprio para negocio—na rua corrente—trata-se com Manuel Luiz Horta, que vive na mesma. 204

**EDITAL**

Comissão do Real Instituto de Soccorros a Naufragos de Tavira

Carlos d'Almeida Pereira, 2.º tenente da armada, capitão do porto de Tavira e presidente da comissão executiva do Real Instituto de Soccorros a Naufragos

FAZ publico que na sede da capitania do porto de Tavira, está aberto concurso até 15 de fevereiro corrente, para o contrato d'um patrão do barco salva-vidas da estação de Cacella do Real Instituto de Soccorros a Naufragos.

Os concorrentes deverão ter carta de mestre ou arraes e provar que teem perfeito conhecimento da barra e porto de Tavira, bem como das barras e portos do sul do Algarve. E' condição de preferencia o ter servido na armada ou no exercito e saber ler e escrever. O patrão contratado vencerá mensalmente 9\$000 réis e terá de residir em Cacella. Os concorrentes devem apresentar-se na capitania do porto monidos da sua carta de mestre ou arraes e da caderneta militar se a possuierem. Capitania do porto de Tavira, 27 de janeiro de 1908. O presidente, 201 Carlos d'Almeida Pereira.

**Adubo chimieo**

Alem das qualidades já conhecidas para sementeiras que costumam ter, têm mais umas qualidades apropriadas para vinhas e batatas que vendem até pequenas porções para experiencia. Mathias Peres Rojo & Irmão. 199

**COFRE**

Vende-se um á prova de fogo e um armario de estabelecimento, tudo em bom estado. Trata-se com José Antonio da Silva, Tavira. 200

**EDITAL**  
Comissão do Real Instituto de Soccorros a Naufragos de Tavira

Carlos d'Almeida Pereira, 2.º tenente da armada e capitão do porto de Tavira, presidente da comissão executiva do Real Instituto de Soccorros a Naufragos

FAZ publico que na sede d'esta capitania está aberta concurso até 15 de fevereiro corrente, para o arrolamento de dez tripulantes do barco salva-vidas da estação de Cacella. Os concorrentes deverão ser de profissão maritima proferindo se aquellos cuja idade seja de 18 a 20 annos.

Para conhecimento dos interessados se transcreve o artigo 72.º do regulamento do Real Instituto de Soccorros a Naufragos de 7 de maio de 1903: «São excluidos de todo o serviço militar os marítimos que tenham servido durante mais de quatro annos consecutivos como patrão ou tripulantes dos barcos salva-vidas pertencentes ás estações do mesmo instituto.»

Outro sim se faz publico que os tripulantes vencerão:—Por cada prevenção em terra, 2\$000 réis; Por cada prevenção ou exercicio no mar, 3\$000 réis; Por cada saída para soccorro não chegando a prestar, 1\$000 réis; Por cada saída para soccorro, prestando, 1\$500 réis; Por cada saída ao mar, prestando soccorro, 2\$500 réis e salvando gente, afóra qualquer gratificação e recompensa que superiormente se julgue merecerem.

Os marítimos arrolados podem ir ao mar no exercicio da sua profissão excepto quando os seus serviços como tripulantes forem requisitados pela autoridade competente, serviços que, como já se disse, serão sempre remunerados.

Os concorrentes que desejarem ser arrolados devem apresentar se na capitania do porto, munidos da sua cedula maritima, nos dias uteis até findar o prazo, das dez horas da manhã até ás trez da tarde.

Capitania do porto de Tavira, 27 de janeiro de 1908. O presidente, 202 Carlos d'Almeida Pereira.

**Officina de canteiro e escriptura**

DE JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria; jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc. LARGO DO CARMO (5872) Faro

**CAIXEIRO**

Precisa-se com pratica de mercearia e fazendas. Carta a Manuel Dias Gomes, Villa Real de Santo Antonio, com referencia e idade. 195

**ARRENDAR-SE**

Na rua do Mau-Foro, uma officina de ferreiro com todas as ferramentas. Quem pretender dirija-se ao seu dono Joaquim Antonio dos Santos. —Tavira. 182

**Trespasa-se**

Casa e mercearia com tres compartimentos no estabelecimento, rua de Mau Foro, Tavira. Vende tambem uma porção de barris para vinho. Trata-se com Sergio Augusto de Campos, barbeiro, rua do Poço da Mó Alta. 192

**MODESTO & FIGUEIREDO**  
Grande deposito de adubos chimicos

Avenida Hintze Ribeiro, n.º 2—FARO Fornecem-se adubos chimicos, simples ou preparados para todos os terrenos e em harmonia com a amostras de terra. Direcção do agronomo Alexandre de Figueiredo e Mello. Descontos aos revendedores. (108)

Vendendo aqui ha 15 annos a

**Emulsão de SCOTT**

aos meus freguezes e vendo que todos elles teem tãde resultados maravilhosos, resolvi por fim experimentar em minha filha Maria Julia, de 11 annos de idade, que desde a nascença era muito fraca. Os resultados foram tão notaveis que hoje minha filha encontra-se forte e muito desenvolvida.»

(a) João Mendes Ribeiro Martins, Droguista  
Rua Direita, 85, 2.º, Santarem, 24 de Fevereiro de 1907.



Não ha outra emulsão fora a de SCOTT que apresente tão concentrada virtude nutritiva como a que era necessaria para salvar esta menina. A força alimenticia do preparado de SCOTT só se pode manter escolhendo os materiais mais finos e fabricando-os pelo processo scientifico de SCOTT, que deixa todo o nutrimento em estado que permite que seja assimilado facilmente pelo estomago mais fraco. Só a Emulsão de SCOTT offerece estas vantagens e portanto, se quereis salvar a vossa menina, como o Sr. Martins salvou a d'elle, deveis adquirir a que traz no involucre

**o peixeiro com o peixe**

rejeitando as outras. NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º, Porto.

Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT!



Exigir sempre a Emulsão com esta marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT!

**CASA**

Vende-se uma casa na rua de S. Braz com 6 compartimentos, quintal e saída para o Alto de S. Braz, que pertence á viuva e filha de Antonio José Gomes. Quem pretender dirija-se a Sebastião José Correia, com loja de calçado na rua dos Torneiros—Tavira. 189

**FUNERARIA**

DE Fernandes & Fernandes FARO

E' esta representada em Tavira, pelo o seu agente Domingos José Soares, com estancia de madeiras na Borda d'agua de Aguiar. 194

**OFFICINA DE CANTEIRO**  
DE Manuel Luiz Redondo

RUA DAS SALGADEIRAS, 40 AO CALHARIZ—LISBOA

EXECUTA-SE toda a variedade de modelos especiaes de jazigos, assim como todos os trabalhos em pedra respeitantes á arte.

Pedir desenhos ao representem em Tavira.

SERGIO AUGUSTO DE CAMPOS Rua de Mau Fóro (163)

**O DIJESTIVO ROIVIN**

Cuja efficacia é universalmente reconhecida, pode considerar-se, hoje, como o remedio soberano por excellencia nas enfermidades chronicas e agudas do ESTOMAGO e do INTESTINO. Uma caixinha com 30 obreias que levam gravado o nome DIGESTIF ROIVIN representa um tratamento completo, sendo superior a qualquer outro remedio e dando melhores resultados que uma duzia de garrafas de agua mineral adequada á doença que se quer combater. De venda nas principaes pharmacias — Deposito e venda por atacado: DIGESTIF ROIVIN: 7, Rue du Marché Saint Honoré. PARIZ.

**ARRENDAR-SE**

A Horta Vermelha proximo do alto no sitio de Bernardinho, que consta de todo o arvoredo mimoso, de espinho e caroço, oliveiras e figueiras, vinha e terra de semear, com nora e tanque, uma casa e alpendre. Trata-se com João José de Oliveira, morador na Atalaya em Tavira. 191



**FAZENDAS PARA FATO**

**F. A. GOMES**

20—RUA NOVA GRANDE—20 TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas. PREÇOS BARATISSIMOS (3)

**CASA**

Vende-se uma morada de casas com altos, baixos e cavallariça, na rua do Tenente Couto. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

**PIANO VERTICAL**

Vende-se barato. Rua dos Ciganos, 18.—Tavira. 184



**CIRURGIA DENTARIA**

De passagem na sua tournée chegou quinta feira a esta cidade, M.ºr Emile Tremoville, distincto cirurgião dentista pela escola de Paris. Este cavalheiro tem sido aqui muito procurado e os seus trabalhos muito apreciados. Quem padecer da bocca pode aproveitar.

Rua Direita, n.º 20

198

**Arte d'arrastar**

Vende-se uma arte d'arrastar com todos os pertences, entrando dois barcos. Trata-se com Antonio José Tavares, rua Direita—Tavira. 185

**PAPELARIA**

Pacotes com 4 folhas e 4 enveloppes, 20 réis. Pacotes com 5 folhas e 5 enveloppes, papel superior qualidade, 30 réis. Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, 100 réis. Pacotes com 20 cadernos, 100 folhas, papel superior qualidade, 300 réis. Papel almasso, pautado e liso em diversos formatos e qualidade.

**JOSÉ MARIA DOS SANTOS**

TAVIRA

ADALBERTO VEIGA

**O INGLEZ TAL QUAL SE FALLA**

Novissima guia de conversação com a pronuncia figurada. Preço, 300 rs. Livraria Classica Editora, Praça dos Restauradores, 20, LISBOA.

**VENDE-SE**

Uma casa com primeiro andar na rua de S. Lazaro em Tavira, fazendo esquina com a rua das Figueiras. Trata-se com o seu dono João Gonçalves Bandeira, residente em Villa Real de Santo Antonio. 193

**COROAS**

Coroas funebres em todos os tamanhos desde 1\$500 até 15\$000 réis.

**JOSÉ MARIA DOS SANTOS**

TAVIRA

**HENRIQUE BORGES**

CIRURGIÃO DENTISTA

pela Universidade de Coimbra

Doenças da bocca e dos dentes. Dentes artificiaes. Consultas gratis aos pobres ás 9 a manhã.

Rua 1.º de Dezembro, 20

42

FARO

**ALMANACH DEMOCRATICO**

PARA 1908

A 120 RÉIS

VENDE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS